

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

Thayane Da Silveira De Lima

**“AS TELEFONISTAS”: LEITURAS SOBRE QUESTÕES DE
GÊNERO ENFRENTADAS PELAS MULHERES DESDE O SÉCULO
XX**

Santa Maria, RS, Brasil
2018

Thayane da Silveira de Lima

“AS TELEFONISTAS”: LEITURAS SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO
ENFRENTADAS PELAS MULHERES DESDE O SÉCULO XX

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de **Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas.**

Orientadora: Prof.^a. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Santa Maria, RS, Brasil
2018

Thayane da Silveira de Lima

**“AS TELEFONISTAS”: LEITURAS SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO
ENFRENTADAS PELAS MULHERES DESDE O SÉCULO XX**

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de **Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas**.

Aprovado em 03 de dezembro de 2018:

Prof.^a. Dr.^a. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz
Orientadora (UFSM)

Prof.^a. Dr.^a. Carlise Schneider Rudnicki (UFSM)

Dr.^a. Camila da Silva Marques

Santa Maria, RS

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pelo apoio, dedicação constante em me incentivar a continuar meus estudos.

Aos meus irmãos Kleison e Taís, pela ajuda, apoio e incentivo.

Ao meu namorado Thiago Fantinel, pelo apoio constante, pelo incentivo e por nunca deixar eu pensar em desistir dos meus sonhos.

Meus mais sinceros agradecimentos a minha orientadora Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, por sua dedicação em todo esse período de trabalho de conclusão de curso. Por seu profissionalismo, paciência, generosidade e compreensão.

Agradeço a minha banca avaliadora e aos professores do curso de Relações Públicas e da Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, pelos conhecimentos transmitidos ao longo desses quatro anos.

Agradeço as mulheres entrevistadas, por confiarem em mim, dispondo seu tempo para a construção desse trabalho.

Ao grupo me que encaixei na faculdade, conhecido como “nas brits”, pelo apoio, incentivo, e amizade para todas as horas. Com certeza vocês tornaram esses quatro anos mais leves com nossas histórias, risadas e aprendizados.

Agradeço a minha melhor amiga Carina de Freitas Mahl, por estar presente na minha vida em todas etapas importantes.

Por fim, agradeço a todos que acreditaram em mim, me incentivando para concluir mais essa etapa da minha vida.

EPÍGRAFE

“Queira. Basta ser sincero e desejar profundo, você será capaz de sacudir o mundo, vai, tente outra vez. Tente. E não diga que a vitória está perdida, se é de batalhas que se vive a vida. Tente outra vez.”

Tente outra vez – Raul Seixas

RESUMO

“AS TELEFONISTAS”: LEITURAS SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO ENFRENTADAS PELAS MULHERES DESDE O SÉCULO XX

AUTORA: Thayane da Silveira de Lima

ORIENTADORA: Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar como as questões de gênero retratadas na série *As Telefonistas* são interpretadas por suas espectadoras, tendo em vista o contexto em que estão inseridas e as experiências culturais que remetem às suas posições sociais de mulheres. Aqui, por questões de gênero, tratamos especificamente de problemas enfrentados pelas mulheres que se configuram a partir das suas existências como seres generificados, tais como: machismo, violência doméstica, violência verbal, abuso psicológico, abuso sexual, preconceito e desigualdade. Logo, trata-se de um estudo que relaciona diretamente texto e contexto, comunicação e cultura – definindo-se, portanto, como um estudo de recepção. Para isso, foi realizado um estudo de recepção balizado na perspectiva da Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero, em especial, na observação da atuação da mediação da socialidade e ritualidade. Como objetivos específicos: analisar as pautas reivindicadas pelo movimento feminista no início do século XX comparando com os dias atuais, observar através da mediação da socialidade qual o papel desempenhado pela família e pelo trabalho na constituição dos papéis de gênero das receptoras, e analisar as práticas de assistência das séries pela mediação da ritualidade. Para atender os objetivos estabelecidos, metodologicamente, foram aplicadas sete entrevistas em profundidade (semiestruturadas), com mulheres receptoras da série. A partir deste recurso metodológico, buscou-se conhecer o cotidiano e subjetividades das espectadoras, a fim de entender como a mediação da socialidade e ritualidade atuam nas articulações existentes entre as representações e percepções sobre o preconceito, violência e machismo enfrentado pelas mulheres no ano de 1928, relacionando com 2018, onde esses problemas ainda se fazem presentes. Como parte da conclusão, identificamos como nós mulheres ainda sofremos com diversos preconceitos, principalmente no ambiente de trabalho e familiar, e que, apesar dos avanços no que diz respeito à ampliação na discussão da temática feminista da atualidade, existem alguns pontos de resistência identificados pela cristalização do machismo que limitam o debate e a exposição das mulheres nos espaços públicos e nas redes sociais.

Palavras-chave: *As Telefonistas*. Gênero. Mediações. Série.

ABSTRACT

The present work has as main theme the gender issues portrayed in the series. The series are interpreted by its spectators, having the target audience and the cultural experiences that refer to their social actions of women. Gender issues, specific treatments of problems faced by women who configure from their skills such as: machismo, domestic violence, verbal violence, psychological abuse, sexual abuse, prejudice and inequality. Therefore, it is a study that relates text and context, communication and culture - thus defining itself as a study of reception. For this, a study of reception from the perspective of the Mediation Theory of Jesus Martín-Barbero was carried out, in particular, in the document of the mediation of sociality and rituality. The specific objectives: to analyze how the claims are claimed by the feminist movement in the early twentieth century comparing with the present day, observing through the mediation of sociality as the role researched by the family and work in the constitution of the roles of the gender of the recipients, and analyzing the practices of assisting the sessions through the mediation of rituality. To meet the established objectives, methodologically, they were six times in depth (semi-ranged), with recipients of the series. From this methodological event, she sought to know the daily life and the subjectivities of spectators, as it became a mediation of sociality and rituality in the articulations between the representations and perceptions about prejudice, violence and machismo faced by women in the year 1928, relating to 2018, where these problems are still present. The part of the conclusion, we identify our ideas as being more prejudiced, especially in the work and family environment, and that, despite advances, they play a key role in expanding their capacity for expression. The crystallization of machismo that limits the debate and exposure of women in the media and in social networks.

Keywords: Genre. Mediations. Series. The Telephone Operators.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As Telefonistas.....	25
Figura 2 – Alba	25
Figura 3 – Carlota	26
Figura 4 – Ángeles.....	27
Figura 5 – Marga	28
Figura 6 – Sara	29

LISTA DE TABELA

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas.....	42
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A NETFLIX E OS DIFERENTES TIPOS DE CONSUMO	16
1.2 SMART TV	16
1.3 NETFLIX E O CONSUMO POR MARATONA.....	17
2. FICÇÃO SERIADA	20
2.1 NARRATIVAS FICCIONAIS E AS TELEFONISTAS	22
3. GÊNERO FEMININO, DESIGUALDADE E PODER	32
3.1 ONDAS FEMINISTAS	34
4. ESTUDOS DE RECEPÇÃO	38
5. APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO	40
6. EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DAS ESPECTADORAS DA SÉRIE AS TELEFONISTAS	43
6.1 O PERFIL DETALHADO DAS ENTREVISTADAS.....	43
6.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DAS MEDIAÇÕES.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Os estudos contemporâneos em comunicação, observados pela linha dos Estudos Culturais, reconhecem a importância da interação entre a comunicação e a cultura. Relacionar a comunicação com as questões culturais é reconhecê-la enquanto processo periódico e de interação mútua entre as áreas de produção e recepção. Assim, a cotidianidade da vida social, as interações sociais e a subjetividade dos indivíduos passam a ser essenciais para entender sua relação com os meios de comunicação e os produtos midiáticos.

Neste âmbito, surgem no campo dos Estudos Culturais o modelo teórico-metodológico dos Estudos de Recepção que buscam investigar empiricamente esta relação sujeito-receptor. Neste trabalho especificamos observar a relação as receptoras da série *As Telefonistas* e o sujeito no texto e contexto, enquanto agente social e cultural, no processo de formação de sua identidade. Para isto, utilizamos as Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero, evidenciando as mediações da socialidade e ritualidade. A socialidade refere-se às relações cotidianas que incentivam a vida social e cultural dos sujeitos como a família, escola, grupos sociais - entre outros -, que constroem sua identidade, conectando a tradição cultural com a cultura de massa. E a ritualidade relaciona-se com a forma que o produto midiático é consumido, desempenhando diferentes usos sociais que os receptores fazem dos meios e dos seus diversos trajetos de leitura

A motivação para a realização deste trabalho parte do interesse da pesquisadora pelos estudos de gênero que, colaboraram significativamente para o desenvolvimento dos Estudos Culturais. Aqui, buscamos contribuir para a ampliação da discussão a respeito do gênero feminino. As análises sobre este gênero já são mais frequentes do que pelo menos há dez anos atrás, e podemos justificar este aumento significativo sobre estudos de gênero feminino, as discussões, debates e informações através dos meios de comunicação e produtos midiáticos que estão cada vez mais recorrentes.

Neste sentido, vimos na escolha da série *As Telefonistas*, como base de análise, um interessante produto midiático por representar uma abordagem voltada para as mudanças na vida das mulheres, através de direitos conquistados pelos

movimentos reivindicatórios a partir 1928, na Espanha, cenário que é retratado na série.

Com isso, buscamos reconhecer as mudanças na vida das mulheres a partir do século XX, bem como comparar com problemas que ainda enfrentamos no século XXI. Aspiramos assim, contribuir com o debate a respeito dos Estudos Culturais, bem como da teoria das Mediações de Martín-Barbero, visto que o âmbito se encontra aberto para novas discussões, no que compete o interesse em conhecer a cotidianidade e subjetividades dos sujeitos que os tornam receptores ativos diante da quantidade midiática vivida na contemporaneidade.

Deste modo, o problema que orienta esta pesquisa parte da seguinte questão: quais as diferenças existentes na vida das mulheres na atualidade, e quando iniciaram os movimentos feministas no século XX? Buscamos responder tal questionamento a partir do objetivo geral desta pesquisa que visa analisar como as questões de gênero retratadas na série *As Telefonistas* são interpretadas por suas espectadoras, tendo em vista o contexto em que estão inseridas e as experiências culturais que remetem às suas posições sociais de mulheres.

Como objetivos específicos, indicamos: 1) analisar as pautas reivindicadas pelo movimento feminista no início do século XX comparando com os dias atuais; 2) observar através da mediação da socialidade qual o papel desempenhado pela família e pelo trabalho na constituição dos papéis de gênero das receptoras; 3) analisar as práticas de assistência das séries pela mediação da ritualidade. Metodologicamente, foram aplicadas sete entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com espectadoras da série *As Telefonistas*. -

No primeiro capítulo tratamos de explicar sobre a evolução das televisões, detalhando mais sobre a mais recente e moderna: a smart tv. Partimos desta ideia, para explicar o que é a Netflix e seus tipos de consumo, levando em consideração que nas smart tvs já vem incluso o aplicativo da Netflix instalado de fábrica.

No segundo capítulo expusemos sobre ficção seriada, que abrange as telenovelas e as narrativas ficcionais, do que se trata e dos diferentes formatos de serialidade, explicando assim, o porquê de *As Telefonistas* ser considerada uma série. Ainda neste capítulo resumimos sobre o a história da série em questão, das suas personagens, abordagens temáticas e discorremos sobre os problemas enfrentados pelas mulheres na época em que é retratada.

Posteriormente, no terceiro capítulo, explicamos sobre gênero, desigualdade e poder, temáticas vigentes e também aplicadas na série. Para entender estes pontos, contamos a partir do século XIX, que a história começou a estudar as mulheres, onde elas também iniciaram suas lutas pela universalidade e igualdade, pela sua cidadania social e política. Os pesquisadores perceberam que era fundamental introduzir na história global a relação entre os sexos com a convicção de que esta relação não é um fato natural. Além dos assuntos já citados, discorreremos também sobre público e privado e as ondas feministas, que foram fundamentais para as conquistas de direitos das mulheres.

No quarto capítulo, apresentaremos os Estudos de Recepção e as mediações utilizadas neste trabalho de Jesús Martín-Barbero, socialidade e ritualidade. Por questões de gênero, tratamos especificamente de problemas enfrentados pelas mulheres que se configuram a partir das suas existências como seres generificados, tais como: machismo, violência doméstica, violência verbal, abuso psicológico, abuso sexual, preconceito e desigualdade. Logo, trata-se de um estudo que relaciona diretamente texto e contexto, comunicação e cultura – definindo-se, portanto, como um estudo de recepção. No âmbito dessa pesquisa, portanto, voltamos nossa análise para sujeito-receptor e sua realidade social, sua competência cultural e a relação com o texto midiático.

Apresentamos no quinto capítulo, os passos metodológicos que orientam a realização deste trabalho, que se configura como um estudo de recepção. O corpus de análise é composto por sete espectadores da série *As Telefonistas*, portanto, caracterizando-se como um estudo de caso. Para observar com maior proximidade o texto e contexto, foi aplicado o método da entrevista em profundidade de caráter semiestruturado. E, ainda neste capítulo, apresentamos os perfis das mulheres que assistem a série e foram entrevistadas para a sua realização.

No sexto e último capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados empiricamente, buscando identificar como ocorre a relação dos sujeitos-receptores com a série, outros produtos midiáticos considerados feministas e assuntos que fazem parte do seu cotidiano. Para isso, retomaremos as mediações da socialidade e ritualidade de Martín-Barbero para analisar as percepções das entrevistadas perante as abordagens. Aqui, nosso objetivo é o de identificar como suas experiências como

mulheres afetam suas opiniões e percepções, a partir das categorias de análise, no processo de construção das suas identidades.

1. A NETFLIX E OS DIFERENTES TIPOS DE CONSUMO

1.2 SMART TV

Desde que começou ser utilizada a Smart TV, a relação entre público e o consumo televisivo mudou, pois essa tecnologia fez com que o consumidor pudesse assistir além da programação padrão das emissoras, vídeos, filmes e séries em conectividade com a internet, através do mesmo aparelho.

Assim, na primeira década dos anos 2000, os modos de consumir conteúdo digital mudaram significativamente, uma vez que foi dada ao espectador a oportunidade de escolher seu consumo, conforme sua necessidade e gosto, a partir do que se convencionou chamar de *streaming*¹. O *streaming* é a forma de distribuição do conteúdo multimídia de maneira instantânea, em que as informações são captadas através da internet e não são armazenadas no dispositivo do usuário. Essa nova tecnologia, portanto, mudou a forma das pessoas consumirem áudio e vídeo na internet, uma vez que não se restringiu à smart TV e ampliou o acesso para os smartphones, tablets, computadores e consoles de videogame.

Se destaca pela capacidade de enviar dados num dispositivo sem esperar pelo carregamento do conteúdo, juntamente com o *video on demand*, que significa assistir o conteúdo que já foi gravado a hora que quiser, de duas maneiras: através de plataformas gratuitas ou pagas. Por exemplo, o *Youtube* que utiliza o streaming sob demanda de modo gratuito, onde as pessoas gravam vídeos e disponibilizam no site, que o torna público para os usuários. Já no formato pago, podemos citar a *Netflix*, a qual o usuário paga a mensalidade para poder utilizar a plataforma.

Nesse cenário, o usuário assume o comando do que consome e também participa de sua divulgação. Assim, os produtores de conteúdo começaram a perceber que o mercado da internet é mais promissor que o da televisão, pois quando uma série vai ao ar, por exemplo, a internet e as redes sociais se encarregam de expandir o

¹ Streaming traduzido em português significa transmissão

alcance das histórias, por isso além de distribuir pela TV, começaram também a distribuir pela internet. (ZOE, 2016)

Um dos fatores importantes que o *streaming* se destaca é pelo livre horário em que o conteúdo pode ser consumido, ao contrário do que é imposto pela grade de programação das emissoras. Resultado dessa conjunção de interesses está causando um novo momento para a televisão – principalmente nos Estados Unidos – que há tantas opções de serviços *streaming*, que muitos espectadores já trocaram a assinatura de TV, pela assinatura de aplicativos. Pela primeira vez em décadas o número de assinaturas da televisão tradicional vem caindo, assim como a audiência de TV aberta. (MOREIRA, 2012)

Nesse contexto, as empresas de comunicação precisaram se adaptar. Um marco importante recente que podemos destacar em relação ao *streaming*, foi a abertura de acesso a programação sem que os telespectadores tenham que comprar um pacote inteiro de TV por assinatura. Em 2015, a HBO foi pioneira e lançou um aplicativo chamado *HBO NOW*, o qual os telespectadores podem baixar e pagar apenas pelo conteúdo de séries ou filmes, por exemplo, ao invés do pacote de assinatura completo. (E-CANAIS, 2015)

1.3 NETFLIX E O CONSUMO POR MARATONA

A Netflix é um dos principais serviços que utilizam o *streaming* atualmente. Ela surgiu em 1997 nos Estados Unidos como um serviço de aluguel de DVDs via correio. A princípio o usuário pagava uma taxa pela locação e serviço postal, mas aproximadamente dois anos depois a empresa introduziu o modelo de assinatura mensal, oferecendo em troca a locação ilimitada de seus títulos. Com os avanços da Internet, em 2007 a Netflix passou a disponibilizar todo o seu conteúdo através de VOD (Video On Demand) em qualquer plataforma que possuísse uma conexão com a Internet, ou seja, mantiveram o conceito mas atualizaram a mídia. (KULESZA & BIBBO, 2013)

Desde então, o mercado audiovisual vem mudando a forma de construir o produto: seja pela produção, distribuição e exibição de séries e filmes. É iminente que a indústria de cinema e TV tiveram suas dinâmicas afetadas, como a permanência dos formatos tradicionais e as consequências das alterações no cenário contemporâneo.

Um dos motivos pelos quais a televisão, principalmente, foi afetada, se dá pelo fato que ela (seja de canais abertos ou fechados) possui uma grade de programação a qual, o telespectador se obriga a esperar pelo horário do filme ou série que gostaria de assistir. Já na nova forma de consumo, os espectadores, que agora consomem por demanda, podem assistir suas séries e filmes a hora que quiser, sem ver TV “com a hora marcada”, além de que, pode-se pausar, voltar e reiniciar quantas vezes quiser determinado conteúdo. Agora, podemos assistir a uma série inteira em maratonas de duas ou três horas, permitindo-se um comportamento conhecido como *binge viewing*, ou maratona.

Ao disponibilizar uma temporada inteira em seu site, a Netflix propôs e deu origem a uma nova experiência para seus assinantes: consumir da maneira que achar melhor os episódios que estão disponíveis. Logo, mudou as expectativas dos consumidores, já que comparado as séries disponibilizadas na TV, as quais às vezes o usuário espera uma semana ou mais para assistir um próximo episódio. Um estudo recente realizado na Píksel demonstrou que mais de 90% dos telespectadores tinham obsessão de assistir um episódio após o outro de pelo menos um programa e esse comportamento não mostrou nenhum sinal de diminuir. (WOLK, 2016, p. 58)

É evidente que o sucesso do modelo do Netflix, liberando toda a temporada de *HouseofCards* de uma só vez, provou uma coisa: o público quer o controle. Eles querem liberdade. Se eles quiserem assistir tudo de uma vez – como eles estão fazendo com “*HouseofCards*” – então devemos deixá-los fazer isso. Muitas pessoas já me pararam na rua para dizer: “Obrigado, você sugou três dias da minha vida.” E através desta nova forma de distribuição, nós demonstramos que aprendemos a lição que a indústria da música não aprendeu: dê às pessoas o que elas querem, quando querem, na forma que elas querem, a um preço razoável – e elas muito provavelmente vão pagar pelo conteúdo, ao invés de roubar (SPACEY, 2013, p.58)

Esse consumo por demanda, afeta não só o telespectador mas também seus amigos e conhecidos, já que outro fator de popularização, desse novo consumo são as redes sociais. O *Twitter*, *Facebook*, *Whatsapp* e outros aplicativos são projetados para permitir que os telespectadores interajam uns com os outros durante os programas de TV, ou exibição ao vivo da série que acompanham. A interação acontece geralmente por dispositivos móveis, onde os usuários conseguem assistir à televisão e interagir com os telespectadores ao mesmo tempo.

Em 2015 o número de brasileiros que assistiam a televisão enquanto usavam a internet já era muito alto, em 2018 ele se tornou quase absoluto. Nova pesquisa

do Ibope Conecta mostra que 95% dos brasileiros têm o hábito de ficar com um olho no peixe (TV) e outro no gato (internet). É o hábito “segunda tela” dos consumidores (DEARO, 2018), que altera as formas pelas quais se formulam a relação e as interações dos sujeitos com o conteúdo que assistem.

2. FICÇÃO SERIADA

A televisão aberta no Brasil, foi criada na década de 1950 e atualmente está presente em 97% dos lares do país, o que a torna o principal meio de comunicação brasileiro. (VILLELLA, 2016)

De acordo com Lopes (2002), a telenovela que hoje conhecemos como formato da ficção televisiva, surgiu em 1963, podendo ser definida como uma narrativa ficcional de serialidade longa, cuja exibição se dá, em média, seis vezes por semana, da qual a duração é de aproximadamente 200 capítulos com duração média de sessenta minutos sendo que quinze deles são intervalos comerciais, perdurando no total por oito meses.

A telenovela pode ser considerada um dos mais importantes produtos da Indústria Cultural Brasileira, em razão que, está presente no dia a dia da maior parte dos brasileiros, transcendendo sexo, idade, classe social ou nível de instrução (BORELLI; RESENDE, 2002).

Martín-Barbero (CRETAZ, 2014 p. 2) destaca a televisão e também as telenovelas como lugares de mediações, o que define a perspectiva de análise entre texto e contexto:

Por isso, em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação e enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão. À guisa de hipótese, recolhendo e dando forma a uma série de procuras convergentes, embora muitas delas não tenham como “objeto” a televisão, propõem-se três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. (MARTÍN-BARBERO apud CRETAZ, 2014 p.2)

Dessa forma, a telenovela precisa ser compreendida a partir das tensões e ambivalências que marcam o terreno da cultura, ou seja, as novelas têm uma audiência garantida porque o brasileiro tem costume de ver TV à noite. A telenovela alcança o que Morin (1987) chama de cultura de massa, que de acordo com o autor “esta não faz outra coisa senão mobilizar o lazer (através dos espetáculos, das competições de televisão, do rádio, da leitura de jornais e revistas” (MORIN, apud CRETAZ, 2014 p.3).

De acordo com Pallottini (CRETAZ 2014 p.6), um ponto a ser considerado na dinâmica das telenovelas são os conflitos secundários, que ao longo da trama se solucionam, mas que preenchem o tempo até que se alcance o final da estória e o conflito principal seja solucionado. Os “mini-conflitos” estão presentes em todos os capítulos, o final de cada bloco se encerra com uma situação de conflito ou expectativa, de modo a prender a atenção do espectador para que ele não zapeie para outra emissora. Essa situação se repete ao final de cada capítulo, com o intuito que ele se ancore ao próximo por meio desse conflito, e faça com que o espectador continue acompanhando a trama no dia seguinte. Nessa preocupação de prender a plateia, a estrutura da telenovela se torna redundante. Ainda concordando com a autora, essa redundância dá um ritmo lento a trama, possivelmente para atrair as audiências, ou ainda, como ressalta Lopes (2003):

Tão importante quanto o ritual de assistir aos capítulos das novelas cotidianamente são as informações e os comentários que atingem a todos, mesmo àqueles que só de vez em quando ou raramente veem a novela. As pessoas, independente de classe, sexo, idade ou região acabam participando do território de circulação dos sentidos das novelas, formadas por inúmeros circuitos nos quais são reelaborados e ressemantizados. (LOPES, 2003, p. 30).

A partir de então, podemos dizer que essa redundância é proposital para captar mais espectadores, e trazer a telenovela a uma pauta mesmo para àqueles que a consomem esporadicamente.

Maria Motter (2004) delimita a telenovela em dois níveis constitutivos: o melodrama e o realista. O melodramático é conduzido pelo sentimentalismo e pelo romantismo, podendo variar entre o cômico e o sério. O segundo nível contém uma representação do cotidiano onde há um distanciamento do que é visto como representação, tentando se potencializar a realidade e a verossimilhança. No que diz respeito ao nível realista “a fusão dos domínios do público e do privado realizada pelas novelas permite sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais e, ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo” (LOPES, 2003, p. 28).

Relacionado a isso, é possível entender que ainda que tenhamos novos elementos dentro do melodrama, que mantém as características dos primórdios ao mesmo tempo em que consegue se adaptar ao hoje. Segundo Borelli (1997):

Os gêneros diversificam-se porque se alteram, com o processo de modernização, as referências simbólicas que conformam o imaginário coletivo; transformam-se em função dos apelos da indústria cultural e de um mercado de bens simbólicos sempre em expansão. Este mercado conta com a presença de um público vasto, ávido por novidades e segmentado por interesses masculinos, femininos, geracionais e por necessidades individuais que compõem um quadro social bastante heterogêneo. (Borelli apud Cretaz, 2014, p.6).

Entende-se que a passagem de uma era cultural para outra não é constante, elas se sucedem para isso, Santaella (apud COCA e SANTOS, 2013 p.3), considera seis eras culturais bem definidas: oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital.

Todas as histórias de ficção escritas para televisão fazem parte do gênero teledramaturgia, que alcança diferentes formatos. Segundo Adriana Coca e Alexandre Santos (2003) os principais formatos são: telenovela, sitcom, seriados, séries, minisséries e unitários.

2.1 NARRATIVAS FICCIONAIS E AS TELEFONISTAS

A telenovela, é caracterizada por ser uma narrativa de longa duração, com aproximadamente 200 capítulos estruturados com ganchos narrativos. Apresenta núcleos dramáticos que comportam, além dos protagonistas, as personagens secundárias e é uma obra aberta, que é produzida enquanto vai ao ar. Esse tipo de narrativa, geralmente, se estrutura a partir do tipo teleológico, que Arlindo Machado (apud COCA; SANTOS 2013, p.6) atribui a narrativas que estabelecem logo no início da trama um conflito matriz e toda a evolução dos acontecimentos visa reestabelecer o desequilíbrio instalado por esse conflito de base, que às vezes, só é resolvido nos capítulos finais.

Sitcom, abreviatura do inglês *situation comedy* ou comédia de situação, é um formato ficcional que teve sua origem na televisão americana na década de 1950. Caracterizada por uma forma narrativa encenada para um auditório (presente ou presumido), utiliza poucos cenários e um elenco fixo que satiriza situações cotidianas.

O espectador, quando presente, interage com as cenas através dos aplausos e risadas ou, quando não é mostrado, as risadas são inseridas na trama, tal recurso é uma marca registrada do formato. No Brasil, os programas *Vai que cola* (Multishow, 2003-até o momento) e *Toma lá dá cá* (Globo, 2007-2009) são exemplos desse formato.

Os seriados são divididos em temporadas, apresentam um núcleo de personagens fixas e eventualmente há personagens convidados. Os seriados distinguem-se dos demais formatos por terem episódios autônomos, enredos que se resolvem no mesmo dia em que são exibidos (PALLOTTINI apud COCA; SANTOS 2013, p.6). O período de cada temporada respeita uma regra que leva em consideração o número de semanas do ano, que são 52. Logo, seis meses são 26 semanas, por isso, geralmente, uma temporada tem 13 episódios, o que corresponde a três meses, tempo suficiente para obter um parâmetro com os resultados da audiência, é o que normalmente dita as regras do mercado televisual.

As séries, ao contrário dos seriados, não apresentam episódios autônomos. Sua estrutura narrativa é pensada de modo a construir ganchos ao final de cada episódio. Responsáveis pela manutenção do suspense, tais ganchos estimularão a audiência acompanhar a trama no próximo episódio ou na próxima temporada. Geralmente cada temporada de séries possuem dez episódios, variando o tempo de cada episódio, de quarenta minutos até duas horas.²

A minissérie é dividida em capítulos e não episódios, segundo os autores. Assim como as telenovelas, deixam ganchos de um capítulo para o outro. Normalmente, o telespectador necessita da compreensão de todos os capítulos para que possa compreender a totalidade da história.

Os unitários são os programas especiais, que vão ao ar isoladamente, em finais de ano ou ocasiões comemorativas. Mesmo sendo exibidos de uma única vez, ainda assim mantém o padrão dos seriados, já que é uma narrativa fragmentada, por conta da interrupção para a exibição dos intervalos comerciais.

² Análise pessoal feita entre seis séries originais da Netflix.

Sendo assim, as narrativas ficcionais mais habituais, como as telenovelas e seriados semanais, respondem a uma demanda de mercado que se ratifica uma experiência já testada e atinge um público que se desenvolveu como um telespectador-modelo uma relação ao leitor-modelo, assim chamado por Umberto Eco (1989, apud COCA e SANTOS 2013, p. 9).

As telefonistas como é conhecida no Brasil, é uma série de televisão espanhola de drama e romance criada, escrita, dirigida e produzida por Ramón Campos, com estreia e distribuição pela Netflix em 2017.

A série já conta com três temporadas, com oito episódios de cinquenta minutos cada, sendo a terceira lançada em setembro de 2018, deixando a entender que haverá uma quarta temporada, porém ainda sem confirmações oficiais. Considerada um grande sucesso e indicada³ por um site americano entre as séries dignas de maratona.

Em 1928, uma moderna empresa de telecomunicações começou a operar em Madri. A série narra a virada que dá a vida de quatro jovens mulheres, quando começam a trabalhar nessa empresa. As quatro se sentem ligadas de maneiras diferentes à sua família, seu parceiro ou suas memórias. É protagonizada por Ana Fernandez, Nadia de Santiago, Blanca Suarez e Maggie Civantos. A história narra a vida de quatro jovens mulheres que se deslocam para Madrid para trabalhar em uma empresa de telecomunicações.

As Telefonistas é uma série de época que se retrata os desafios de ser mulher em Madri de 1928 – desafios estes que, ecoam no cotidiano de todas as mulheres ainda hoje. A série, ainda que possua uma protagonista que se destaca, segue o cotidiano de quatro mulheres jovens, que têm suas vidas transformadas quando se mudam para Madri com o objetivo de trabalhar em uma empresa do ramo de telecomunicações, que acaba de ser aberta na cidade, e tornam-se amigas.

³ Matéria disponível em <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/variety-indica-3-como-uma-das-series-estrangeiras-para-americano-ver-21062> acesso em: 07/07/2018

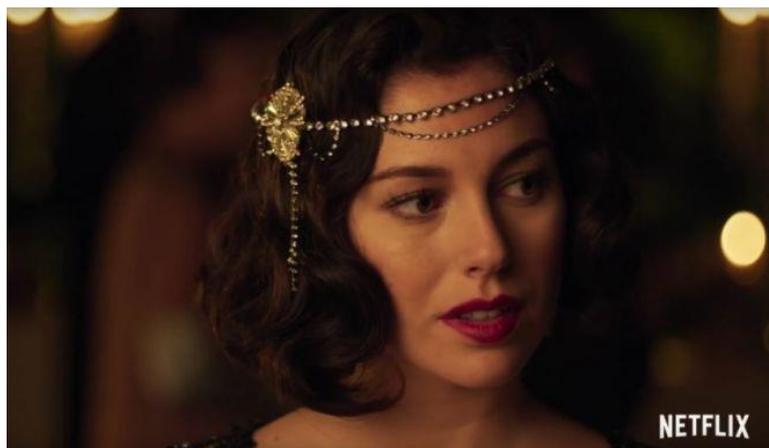
Figura 1 – as protagonistas das Telefonistas.

Da esquerda para direita: Marga (Nadia de Santiago), Angeles (Maggie Civantos), Carlota (Ana Fernández) e Alba (Bianca Suárez).



Fonte: divulgação/Netflix

Figura 2 – Alba



Fonte: divulgação/Netflix

Alba interpretada por Bianca Suárez, é a principal personagem da série. Quando chega em Madrid, descobre que uma empresa de telecomunicações está

contratando mulheres, porém ela não havia se inscrito e acaba tendo que pegar o nome de Lúdia Aguilar para roubar o posto de trabalho de uma das candidatas à telefonista na empresa. O que a personagem não esperava era que o antigo amor de sua vida, era genro do dono da empresa.

Figura 3 – Carlota



Fonte: divulgação/Netflix

Carlota interpretada pela atriz Ana Fernández, mora com os pais em Madrid. Uma mulher que luta pela independência de seu pai dominador e de classe alta. Seu pai, Bétrán interpretado pelo ator Carlos Kaniowski, não aceita que sua filha trabalhe e tenha seu próprio dinheiro, ele acredita que as mulheres devem ser sustentadas pelos seus maridos, e Carlota totalmente contrária a esse pensamento, prefere fugir de casa ao se submeter as regras de seu pai. Carlota possui um namorado, Miguel (Borja Luna), e seu relacionamento está estável até que Miguel começa a usar drogas. Quando começa a trabalhar na empresa, Carlota acaba conhecendo Sara (Ana Polvorosa), as duas se tornam muito amigas e começam a ter um relacionamento. (THAY, 2017)

Figura 4 – Ángeles

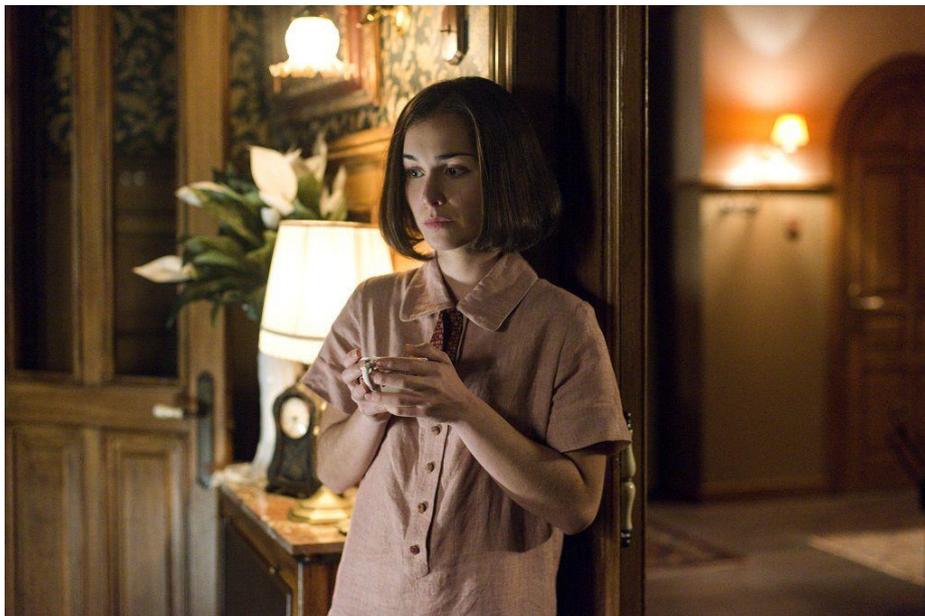


Fonte: *blog meio assimétricas*

Ángeles Vidal, interpretada pela atriz Maggie Civantos, é uma das mulheres responsáveis pelo setor da companhia telefônica, onde é forçada muitas vezes por seu marido Mario (Sergio Mur), a deixar seu emprego. Mario é infiel, não aceita que sua esposa trabalhe pois acredita que sua mulher deve cuidar dele, de sua filha e da casa. Além disso, Ángeles sofre violência doméstica, e o emprego seria uma esperança de independência de seu marido.

Ela sofre nas mãos de seu marido em uma briga doméstica, o que leva a um aborto espontâneo. Obtendo o apoio de seus amigos, ela está convencida a deixar seu esposo e fugir com sua filha. Infelizmente para Ángeles, não funciona tão bem quanto ela achava que seria, quando ela vê a filha correr em direção ao pai na estação de trem. Mesmo que a lei e a polícia na época, não faziam nada para salvá-los, ela e suas amigas continuam lutando pelos direitos que ela merece como mulher (THAY, 2017).

Figura 5 – Marga



Fonte: fotogramas.es

Marga (Nadia de Santiago), apoiada por sua avó, teve que reunir coragem necessária para deixar sua cidade no interior da Espanha para tentar a sorte na grande Madrid. Sua avó que sempre acreditou no seu potencial, insistiu e incentivou que Marga se inscrevesse na seleção das telefonistas, e com isso a personagem chega à cidade para o teste. “Muito tímida e inocente, quase parece que Madrid engolirá Marga viva e inteira, mas aos poucos a força da personagem é demonstrada em um crescimento e desenvolvimento muito bem explorados com o decorrer dos episódios” (THAY, 2017).

Figura 6 – Sara



Fonte: divulgação/Netflix

Por último e não menos importante, apresentamos Sara (Ana Polvorosa), que não está entre as personagens principais, mas tem um destaque na série por abordar questões de identidade e gênero. Sara, é uma mulher em sexo biológico, mas ela não se identifica com a representação de mulher, ela se identifica como homem, ou seja, a personagem é transgênero. A personagem passa por uma difícil aceitação por não entender como se sente, achando até que precisa de tratamento psicológico. Ela é internada em uma clínica por seus familiares – por puro preconceito já que a personagem é lésbica – passando por diversas torturas, até ser resgatada pelo grupo das telefonistas (Alba, Carlota, Ángeles e Marga).

Presas a estereótipos e convenções sociais, Alba (Bianca Suárez), Carlota (Ana Fernández), Ángeles (Maggie Civantos) e Marga (Nadia de Santiago) lutam, simultaneamente, por seus sonhos e por liberdade, ainda que para cada uma delas a definição de liberdade tenha um significado próprio (THAY, 2017).

As quatro vivem sob um permanente estado de desamparo familiar, procurando ultrapassar as expectativas tradicionalmente esperadas das mulheres: casamento e filhos, destinadas a cuidarem do lar. A série destaca bem o que as mulheres da

década de 1920 tiveram que sacrificar para conseguir trabalhar para obter independência.

As Telefonistas inicia quando Alba é presa acusada de assassinato. Por sua liberdade, aceita o acordo que um policial corrupto faz para que ela vá à Madri e roube informações de uma rica família que está abrindo uma companhia telefônica. Correndo o risco de enfrentar a pena de morte, ela não tem escolha senão concordar. Em Madri, Alba conhece outras três mulheres: Marga, uma jovem inocente de uma pequena vila, aterrorizada pela cidade grande; Carlota, uma jovem que deseja fugir de casa para trabalhar e escapar da dominação do pai; e Ángeles, uma esposa e mãe que se vê diante do impasse de seguir o sonho de trabalhar, enquanto precisa enfrentar um marido opressor e agressivo que não aceita não ser o único provedor da casa (THAY, 2017).

Cada personagem é representativo de uma opressão sofrida pelas mulheres, seja a falta de liberdade, os relacionamentos abusivos ou a subserviência. Por isso, se vê necessário neste estudo, enfatizar as temáticas abordadas na série.

A violência caracteriza-se por ser um padrão de comportamento, que abrange a violência comum, e a violência doméstica acontece dentro de um contexto doméstico, como casamento e relacionamentos. A série aborda a violência doméstica, através da personagem Angeles, que é agredida por seu marido (Mario) em quase todos episódios que aparecem os dois juntos, até que ela perde o bebê que estava gestando, após uma de suas últimas brigas com Mario.

Angeles, juntamente com a personagem Carlota, são exemplos de mulheres na série que sofreram explicitamente com machismo. Angeles, além da violência doméstica, sofrera com o marido que queria proibi-la de trabalhar. Um motivo em comum que o pai de Carlota também a ameaçava. Nos dois casos os homens acreditavam que mulheres não deveriam trabalhar e não ajudar no sustento do lar, o qual deveria ser apenas o homem – pai, marido, irmão – como o provedor do lar.

Todas personagens citadas acima (Angeles, Alba, Carlota, Alba e Sara) sofreram com desigualdade. Falamos em todas, por serem consideradas inferiores por serem “apenas” telefonistas na empresa de companhia telefônica onde trabalham, sendo consideradas incapazes de ocupar outras funções, os quais os homens ocupam, como aconteceu com Marga.

Já os movimentos feministas aparecem da primeira até a terceira temporada da série. As mulheres vivem em constante busca por igualdade, no trabalho, na

política e nas relações sociais, os quais as mulheres eram diminuídas e até excluídas, tornando-as invisíveis. Na primeira temporada, já é conquistado o direito de trabalhar e nas próximas duas continuam na busca pela importância da mulher ser considerada na sociedade.

3. GÊNERO FEMININO, DESIGUALDADE E PODER

Segundo Ana Colling (2004), a história e estudo das mulheres é considerado recente, já que, desde o século XIX a história existe como disciplina científica e dependeu das representações dos homens que foram por muito tempo, o principal objeto de estudo da academia. Os homens sempre foram tidos como história universal e a história das mulheres desenvolveu-se a partir de brechas, já que os historiadores nos ocultaram como sujeitos, nos tornando irrelevantes. A maneira de identificar as representações masculinas e femininas, se deu através de relações de poder e hierarquia, tornando inexistente a importância da mulher nas relações.

Foi a partir do século XIX, que a história começou a estudar as mulheres, onde elas também iniciaram suas lutas pela universalidade e igualdade, pela sua cidadania social e política. Os pesquisadores perceberam que era fundamental introduzir na história global a relação entre os sexos com a convicção de que esta relação não é um fato natural mas,

uma relação social construída e incessantemente remodelada, efeito motor da dinâmica social. Relação que produz saberes e categorias de análises que permite reescreve a história, levando em consideração o conjunto das relações humanas: uma história que interroga o conjunto na sociedade. (CABEDA, PREHN, STREY, 2004, p.17).

São as civilizações, as sociedades que confirmam significado à diferença. Consequentemente, não há verdade na diferença entre os sexos, mas sim, um esforço para dar sentido, interpretar e desenvolver. As relações entre homens e mulheres envolvem desigualdades políticas, econômicas e sociais, e que acabam configurando papéis diferentes conforme o sexo, ligados ao princípio de hierarquia (COLLING, 2004).

A relação entre os sexos não é um fato natural, mas sim uma relação social construída e constantemente remodelada. É uma relação que “produz saberes, como toda visão nova do passado, e categoria de análise que permite reescrever a história levando em conta o conjunto de relações humanas” (CABEDA, PREHN, STREY, 2004, p.28). O conceito de gênero não estabelece uma diferença universal, mas permite a construção e a organização social da diferença sexual. As dizem ainda que a história das mulheres e a história de gênero estão interligadas no campo das relações, pois só se instituem as mulheres se elas forem definidas em relação aos homens. O gênero é o discurso das diferenças entre os sexos.

Utilizar a palavra gênero ao invés de sexo, indica que as disposições das mulheres não estão ligadas à natureza, pela biologia, mas é o resultado de uma concepção da engenharia social e política. Ser mulher e ser homem é uma “construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram os sujeitos [...] é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina” (CABEDA, PREHN, STREY, 2004 p.29). Sendo assim, o entendimento de gênero, a diferença dos sexos baseadas na construção cultural e reproduzida pela história ligada ao sexo biológico e não estabelecido pela natureza, tenta desconstruir o universal e mostrar sua historicidade.

Nesse contexto as noções de público e privado abrangem um lugar de destaque na história das mulheres. Na contemporaneidade não estuda-se apenas a separação entre o espaço público e o espaço privado, mas sim, a hierarquização beneficiada nos espaços e na produção da importância da política no espaço público. Segundo as autoras Cabeda, Prehn e Strey, a “genealogia da separação a incorporação do saber e do poder em uma esfera e o desmerecimento e a desqualificação de outra, são o centro das discussões” (2004, p.22).

O feminino é caracterizado como natureza, emoção, amor, família, é destinado ao espaço privado, dedicando sua vida a família e tarefas domésticas. O masculino caracteriza-se pela cultura, política, razão, justiça, poder, público. Transparecendo assim, a oposição e a desigualdade entre homens e mulheres. A separação entre o privado e o público deve deixar de determinar direitos diferenciados quanto a gênero e importância social. Sem modificações na vida pessoal e doméstica das mulheres, não poderá haver modificações na vida política, pois os impasses da vida privada das mulheres afetam diretamente a política.

O espaço público e privado possui um conjunto de direitos e deveres que definem a cidadania e constrói a política no poder. Como exemplo da dicotomia entre os espaços públicos e privados, citamos a luta das mulheres pela inclusão na categoria de cidadãos, que “tanto na defesa do sufrágio universal, quanto no ataque a sua menoridade civil, que as transformavam em propriedade privada de seus maridos” (CABEDA, PREHN, STREY, 2004, p.24), fazendo com que o feminino fosse excluído do campo político e confinado apenas no papel maternal e doméstico, incluindo as relações de poder/saber.

Existe todo um estatuto de direitos que foram criados a favor do homem, e que não foram identificados à mulher, constituindo assim, a consciência de diferença e exclusão:

O que faz que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como a força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma, saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que ima instância negativa que tem por função reprimir. Com o poder repressor, dá-se a exclusão: há que separar, excluir, aquele que se pretende dominar. (FOCAULT apud CABEDA, PREHN, STREY, 2004, p.25).

Para justificar quem é excluído – nesse caso tratamos das mulheres – são pessoas que aparentam ser irracional, perigoso. Percebe-se assim que de forma invertida a relação de poder, se receia a quem se oprime, por isso rotula a pessoa como um ser ruim, justificando-se assim, a opressão as mulheres nas relações de poder.

Partindo desse pressuposto, voltamos a história das mulheres onde começamos a buscar por igualdade. Igualdade, gênero e diferença possuem alguns pontos em comum: coincidem em reivindicar o protagonismo das mulheres na história e afirmam que “o feminismo trouxe consigo uma explosão do saber. Esses modelos partem da base de que em uma formação social dada, todas mulheres têm algo em comum com outras categorias, como classe e raça.” (CABEDA, PREHN, STREY, 2004).

3.1 ONDAS FEMINISTAS

Sabendo que os movimentos feministas surgiram e se desenvolveram ao longo dos tempos – como desenvolvem-se até hoje – é interessante perceber o quanto as suas transformações espelham-se nos seus respectivos tempos sociais e históricos.

A primeira onda busca a igualdade entre gêneros pela lei, o reconhecimento legal de direito ao trabalho e voto, bem como participações nas questões políticas. Refere-se ao grande movimento pela reforma de desigualdades nos séculos XVIII e XIX, em sua luta contra as injustiças de toda espécie sofrida pelas mulheres. As questões de gênero mostram “não tanto a presença de lutas, ainda que tímidas e desarticuladas, das mulheres por sua autonomia sociopolítica, mas o desenvolvimento

de uma consciência de gênero e do lugar que as mulheres ocupavam na sociedade” (SANTOS, 2016, p.135).

Enquanto as mulheres ainda eram reconhecidas com o papel imposto a elas diminuindo-as perante aos homens, a sociedade não acreditava que uma mulher que cuidava da casa, filhos e marido fosse capaz de pensar a ponto de decidir seu futuro, assim como o do país, na questão do voto. Essa cultura formada é conhecida como a feição patriarcal, a qual, as mulheres lutaram contra nessa primeira onda.

O termo feminismo pode ser definido como uma forma de enfrentamento das imposições patriarcais, em suas diversas manifestações, entre os séculos XVI, e XIX. É como símbolo da reação das mulheres em face do poder que subordina os interesses femininos aos masculinos. (SANTOS, 2016, p.136)

As feministas do século XVI e XVII iniciaram suas batalhas em arenas culturais e sociais, porém tiveram impacto mesmo nas sufragistas, que foram aos poucos formando argumentos para que as “mulheres tivessem direito ao voto por sua natureza moral e influencia civil” (idem, p.138). Deste modo, entendemos que a primeira onda referiu-se ao movimento de mulheres que vão contra as diferenças legais e sociais, mesmo de forma independente ou em pequenos grupos.

Já a segunda onda é caracterizada por ter contido movimentos coletivistas e revolucionários, reivindicando as mulheres para participar na reconstrução da sociedade através de correntes que tiveram grande impacto cultural e político no século XX. Mulheres começam a mudar sua consciência, se tornando mais reflexivas sobre si e sobre a indispensabilidade de apoiarem-se umas ao lado das outras, contra a desigualdade de direitos e deveres impostas pelos homens. Nesse século são criados suportes teóricos de maior concretização, resultando em mudanças nos contextos sociais e políticos a partir de projetos “para uma consciência feminista”. (SANTOS, 2016, p.140)

Aconteceu então o movimento de liberação das mulheres, e dele outras organizações surgiram, como as manifestações das mulheres negras e as manifestações das mulheres lésbicas. O movimento de liberação das mulheres foi caracterizado pela luta pelo direito das mulheres serem ouvidas, e isso deu ao grupo,

“uma amplitude de cunho universal, formando uma consciência em termos políticos. Essa consciência ascende as instituições-chave da sociedade,

como a do casamento, seja no que concerne à educação dos filhos, seja às práticas sexuais, buscando alterar padrões e comportamentos.” (idem, p.142)

As mulheres negras não se sentiam a vontade para se aproximar dos movimentos das mulheres brancas e de classe média. Desse modo, inconformadas com o sexismo que havia sobre elas nos anos 1960, criaram então as manifestações das mulheres negras, propondo reformas contra o racismo e o imperialismo e refletindo a respeito da mulher nas sociedades periféricas. O movimento negro, surgiu como uma “organização política que cumpre o papel de dar maior evidencia as contradições vividas no cenário social, político e econômico, radicalizando e intensificando as propostas do movimento feminista” (SANTOS, p.143).

Integrando os movimentos já citados, as mulheres lésbicas também organizaram suas pautas para relacionar a sexualidade e a política no contexto de recusa de antigos papéis culturais. O lesbianismo acaba se tornando o sinônimo de liberação da mulher, solucionando alguns problemas, como o relacionamento sexual com os homens. Representada pelo movimento político consciente, o qual buscou unir as mulheres em torno de objetivos comuns, de níveis pessoais e social, a segunda onda caracteriza as mulheres como um grande grupo, mesmo com suas ramificações de classe social e raça.

A terceira e última onda que estudaremos nesse trabalho, aconteceu no final do século XX, trazendo traços de várias áreas do poder e do saber, impondo um estágio novo e “qualitativamente distinto de democratização”, conforme cita Magda Santos (2016). Procura-se nesta nova onda, olhar os traços do mundo e a diversidade sociocultural e de identidades das mulheres, onde se vê além de mulheres brancas, classe média/alta, mas também, mulheres de cor, etnias, regiões, religiões e origens diferente do que a maioria.

Podemos afirmar que a construção histórica e as ondas feministas foram de vera importância para a construção da nossa identidade e opinião hoje como mulheres, no ano de 2018. As lutas em que foram citadas nas ondas feministas, ainda acontecem hoje em dia, interseccionalizadas, respeitando as diferentes experiências pelas quais passam as mulheres conforme as desigualdades já citadas: classe, etnia, raça, orientação sexual. O feminismo é plural, assim como também acontece nas Telefonistas, onde existem várias demandas diferentes (questão de classe, étnica)

que devem ser pautadas pelo movimento, sem que uma seja mais importante que a outra.

4. ESTUDOS DE RECEPÇÃO

Na perspectiva dessa pesquisa, pretendemos analisar como as questões de gênero retratadas na série *As Telefonistas* são interpretadas por suas espectadoras, tendo em vista o contexto em que estão inseridas e as experiências culturais que remetem às suas posições sociais de mulheres. Aqui, por questões de gênero, tratamos especificamente de problemas enfrentados pelas mulheres que se configuram a partir das suas existências como seres generificados, tais como: machismo, violência doméstica, violência verbal, abuso psicológico, abuso sexual, preconceito e desigualdade. Logo, trata-se de um estudo que relaciona diretamente texto e contexto, comunicação e cultura – definindo-se, portanto, como um estudo de recepção.

No âmbito dessa pesquisa, portanto, voltamos nossa análise para sujeito-receptor e sua realidade social, sua competência cultural e a relação com o texto midiático. Nesse sentido, é fundamental perceber a importância da perspectiva das mediações para compreender as interações das mulheres espectadoras da série *As Telefonistas* e o processo comunicacional.

As mediações são um conjunto de fatores que, estrutura, organiza e reorganiza a percepção e a apropriação da realidade por parte do receptor. Podemos dizer então, que o processo de mediação organiza percepção de toda realidade social, não apenas da recepção e produtos das indústrias culturais.

As mediações são os lugares que estão entre a produção e a recepção. Pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza. Martín-Barbero sugere três lugares de mediação que interferem e alteram a maneira como os receptores recebem os conteúdos midiáticos. São eles: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. (MARTÍN- BARBERO apud SILVA; RONSINI; WOTTRICH, 2009, p.3)

Em 1990, no artigo *De los medios a las practicas*, Barbero atualiza seus estudos de mediações e sugere que os três lugares de mediação propostos em sua obra em 1987, sejam transformados em três dimensões: socialidade, ritualidade e tecnicidade. Desde então, o autor vem refletindo sobre a teoria das mediações. Considerando a importância dos meios na sociedade, ele amplia sua concepção, para integrar juntamente com recepção e consumo uma análise específica dos meios, as mediações comunicativas da cultura. (ECOSTEGUY, 2001, p.102)

Nesse contexto, a mediação de socialidade diz respeito as relações cotidianas dos indivíduos, como que através das interações sociais é construído sua identidade, conectando a tradição cultural com a cultura de massa. A socialidade é o lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e “resulta dos modos e usos coletivos da comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações com o poder” (MARTÍN-BARBERO apud SILVA; RONSINI; WOTTRICH, 2009, p.8).

Essa mediação atua a partir de dois níveis, na Competência de Recepção que faz alusão as relações cotidianas que os indivíduos tendem a relacionar-se, as quais se fundamentam os processos primários de constituição dos sujeitos e das identidades. Quando relacionada as Matrizes Culturais, a socialidade permite que se analise o contexto onde os receptores atuam. Aproximando essa mediação a este estudo, tratamos histórias e experiências de gênero no convívio com diversos grupos e instituições sociais, como: família, escola, trabalho, grupo de amigos e comunidade das receptoras.

A ritualidade relaciona-se a forma como o produto midiático é consumido, desempenhando diferentes usos sociais que os receptores fazem dos meios e dos seus diversos trajetos de leitura. A ritualidade ainda “compreende a interação cotidiana da audiência com, por exemplo, a telenovela, remetendo aos modos como o sentido é compartilhado e apreendido por meio das práticas de recepção” (RONSINI, SILVA e WOTTRICH, 2009, p.5).

O importante para que uma prática seja considerada como ritual é que ela possua uma sequência de ações que se repetem e esteja aliado com as relações sociais. Nessa lógica, os rituais estão ligados as práticas sociais, participando do nosso cotidiano de variadas formas. Compreendendo assim, nos interessa pensar as formas pelas quais as receptoras interagem com a série e seus formatos como a assistência entra na sua rotina e nas suas práticas de consumo midiático.

5. APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO

Como forma de analisar e compreender as interações das mulheres espectadoras da série *As Telefonistas* e o seu processo comunicacional, através dos seus valores e práticas sociais, utilizamos o modelo teórico-metodológico dos Estudos de Recepção. Conforme visto anteriormente, os Estudos de Recepção são fundamentados na perspectiva dos Estudos Culturais, que destina-se a observar baseado na experiência, a cotidianidade do sujeito e a relação com os meios de comunicação. Dessa forma, enfatizamos as mediações de socialidade e ritualidade expostas pelo teórico latino-americano Jesús Martín-Barbero (2006).

A pesquisa desenvolvida neste estudo, é de caráter qualitativo, cuja finalidade “não é contar com opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (BAUER, GASKELL, 2002, p.68). Como método para a coleta de informações, foram aplicadas as técnicas de estudo de caso e entrevista em profundidade.

O estudo de caso é implementado para investigar uma determinada situação ou acontecimento, e também, quando acontecem as relações entre teoria e o elemento empírico. É um método de abordagem qualitativa de coleta de dados, que pretende referir a realidade ou um fenômeno. Para Yin (2001, p.32) o estudo de caso “é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”. Goode e Hatt (apud DUARTE, 2011, p.216) ainda dizem que o estudo de caso é um método “de olhar para a realidade social [...] em meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”.

O autor reitera ainda que o estudo de caso pretende descobrir aspectos desconhecidos, como apresentar uma realidade de forma profunda, interpretando o contexto. Para isso, é necessário utilizar variadas fontes, diferentes percepções sobre o objeto, apresentando a complexidade a ser analisada dadas as situações e contextos. O corpus de análise é composto por sete espectadoras da série *As Telefonistas*, portanto, caracterizando-se como um estudo de caso.

Considerando a importância de conhecer profundamente o receptor-sujeito, compreendendo seu contexto e interações sociais que influenciam em suas percepções sobre a série *As Telefonistas*, foi aplicada também como técnica de coleta de dados, a entrevista, já que “permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever fenômenos” (CURVELO, apud DUARTE, 2011, p.63). O autor afirma ainda que o uso da técnica de entrevista é “útil para apreensão de uma realidade, tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2011, p.64).

A entrevista em profundidade foi realizada em caráter semiestruturado, com um roteiro de perguntas, exclusivamente com mulheres. Estas perguntas foram elaboradas através dos objetivos específicos e eixos temáticos que norteiam essa pesquisa. Dentre eles, incluímos questões que levavam ao entendimento das mediações de socialidade e ritualidade, bem como os eixos temáticos: gênero, violência, preconceito e poder.

Ao todo, foram vinte e seis questões abertas que abordavam os assuntos, realizadas através de programas de conversação *online* (*Whatsapp, Hanggout, Skype e Messenger*), que aconteceram nos dias 3 à 9 do mês de novembro de 2018. Estas entrevistas foram feitas individualmente e gravadas pelo aplicativo *gravador de voz fácil* no celular, totalizando 10 horas e 20 minutos de conversação, que foram transcritos para texto através do *software InqScribe*. Para a prospecção do grupo foi utilizado o método de conveniência, com mulheres já pré-selecionadas durante a construção deste estudo.

Em vista disso, apresentamos o perfil⁴ das entrevistadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – perfil das entrevistadas

Nome	Idade	Profissão/escolaridade	Costuma buscar informações e notícias:	Temporadas assistidas
Ana Lucia	19	Maquiadora;	Jornais (tv, online e físico) e internet;	Todas;
Clarissa	23	Cirurgiã dentista;	Redes sócias;	Todas;
Isabelle	21	Estudante – ensino superior em andamento;	Internet, livros e revistas	Primeira temporada e metade da segunda;
Melissa	20	Estudante – ensino superior em andamento;	Globo News, Diário de Santa Maria e noticiários da Rede Globo;	Primeira e segunda;
Roberta	18	Estudante – ensino médio em andamento;	Redes sociais.	Todas;
Paula	20	Estudante – ensino superior em andamento;	Internet e redes sócias;	Todas
Pérola	21	Estudante – ensino superior em andamento;	Redes sociais, jornais online;	Primeira e segunda;

Fonte: Autor.

Nenhuma das entrevistadas tem filhos. A análise mais detalhada das representações das mulheres entrevistadas, se dará no próximo capítulo, que reflete como a transformação e a permanência dos problemas vividos pelas mulheres são interpretados pelas receptoras da série *As Telefonistas*.

⁴ Nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

6. EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DAS ESPECTADORAS DA SÉRIE AS TELEFONISTAS

6.1 O PERFIL DETALHADO DAS ENTREVISTADAS

Neste capítulo, trataremos de entender sobre como a transformação e a permanência dos problemas vividos pelas mulheres, como: o machismo, violência e preconceito, são interpretados pelas receptoras da série *As Telefonistas*, a partir das mediações de socialidade e ritualidade. Para isso, inicialmente apresentaremos os perfis das entrevistadas para esta pesquisa, a fim de facilitar aos leitores a compreensão do contexto social e cultural em que estão inseridas as participantes.

Ana Lucia, tem 19 anos, é maquiadora e solteira pelo estado civil. Mora com a mãe e o irmão, em Cosmópolis – São Paulo, e a renda familiar provém do salário da sua mãe e dela, em torno de um salário mínimo e meio a dois e meio (entre R\$1000 e R\$3000 mil reais). Ana contribui nas despesas, ajudando a sua mãe, sendo as duas as únicas provedoras da casa.

A entrevistada afirma que para obtenção de informações procura que ler bastante, assiste a noticiários na televisão, e, como o namorado estuda muito, normalmente os dois veem notícias em vários sites da internet.

O contato com a entrevistada foi realizado através da conta do *Twitter* da pesquisadora. A investigadora já conhecia a Ana, já que as duas se seguiam na rede social em questão, pelo assunto que tinham em comum: a série. Posteriormente, entrou-se em contato com Ana Lucia através das mensagens, explicando o propósito da entrevista. A entrevista aconteceu no mesmo momento em que a pesquisadora a convidou para participar, pois as duas estavam disponíveis. Conforme o interesse da entrevistada, o contato foi realizado por chamada de vídeo no aplicativo do *smartphone*, *Whatsapp* no período da noite.

Clarissa tem 23 anos, é cirurgiã dentista recém-formada e solteira pelo estado civil. Seus pais são separados, mas ainda vivem na mesma residência, juntamente com ela e seu irmão em Santa Maria – Rio Grande do Sul. Possui renda familiar entre cinco a sete salários mínimos (R\$5000 à R\$7000 mil reais) que são provenientes de seus pais e irmão. Ela não contribui financeiramente, pois está estudando para concurso na sua área de atuação. A principal fonte de informações da são as redes sociais.

Clarissa é amiga da pesquisadora e se propôs a colaborar prontamente. O contato e agendamento da entrevista foram feitos através das redes sociais, com aproximadamente dois dias de antecedência. A entrevista foi realizada no período da noite, através do aplicativo *Hanggout* do celular.

Isabelle tem 21 anos, é estudante de graduação de uma Universidade Pública do estado do Rio Grande do Sul, e solteira pelo estado civil. Mora com os pais na cidade de Pelotas. A renda familiar provém de seus pais e varia entre três a cinco salários mínimos (R\$3000 à R\$5000 mil reais), sem participação da entrevistada. Possui hábito de buscar informações e notícias na internet, livros e revistas, mas quando pesquisa na internet, verifica se as fontes são confiáveis, para não se informar através de *fake news*.

O contato com a entrevistada aconteceu através do intermédio de uma amiga da pesquisadora. O contato foi feito diretamente com a entrevistada através das redes sociais. A entrevista foi marcada para o mesmo dia em que aconteceu a comunicação. A critério da entrevistada, foi marcada no aplicativo *Messenger* por ligação de vídeo, depois de sua aula a noite, para facilitar a disponibilidade sem interrupções.

Melissa tem 20 anos, é estudante de uma Universidade Pública do Rio Grande do Sul, e é solteira pelo estado civil. Reside com o pai na cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul, e possui renda familiar entre sete a nove salários mínimos (R\$7000 e R\$9000 mil reais), mas não contribui financeiramente.

A entrevistada relatou que se mantém informada através dos noticiários da *GloboNews* e da Rede Globo, e do jornal impresso e online local da cidade, o *Diário de Santa Maria*. A Melissa é amiga da pesquisadora, o que facilitou o contato, colocando-se à disposição para a entrevista. Após conversarem pessoalmente, a entrevista foi agendada de acordo com a disponibilidade da entrevistada, que ocorreu no período da tarde, através do aplicativo *Skype* pelo celular.

Roberta tem 18 anos, é estudante do ensino médio, solteira, e mora com os pais e a irmã na cidade de Alegrete – Rio Grande do Sul. Possui renda familiar média entre cinco a sete salários mínimos (R\$5000 à R\$7000 mil reais), sem a sua contribuição. Relata que busca procurar informações e notícias através das redes sociais.

O contato com a entrevistada se deu por iniciativa dela, observou uma conversa da pesquisadora em uma rede social sobre a série com alguns amigos e prontificou-se a contribuir. Após uma conversa privada com a entrevistada para ter a certeza do

seu interesse em colaborar, foi agendada a conversa um dia após no período da tarde, através da chamada de vídeo do aplicativo de celular *Whatsapp*.

Paula tem 20 anos, é estudante de graduação de uma Universidade Pública do Rio Grande do Sul, é solteira e divide apartamento por ser estudante com mais duas meninas, na Cidade de Santa Maria. A renda familiar de seus pais varia entre cinco a sete salários mínimos (R\$3000 e R\$7000 mil reais), proveniente apenas seus pais. A entrevistada possui hábito de buscar informações e notícias na internet. Acompanhando páginas de jornais nas redes sociais e em grupos do *Facebook*.

A pesquisadora obteve seu contato através da indicação de um amigo em comum. Posteriormente, foram realizadas trocas de mensagens com o objetivo de verificar o interesse em participar da entrevista. Após a confirmação, foi agendada dois dias depois, por videochamada pelo aplicativo *Whatsapp*.

Pérola tem 21 anos, é estudante de uma Universidade Pública do Rio Grande do Sul, é solteira, e reside com a mãe, irmã e padrasto na cidade de Santa Maria – Rio Grande do sul. Possuindo renda familiar entre três a cinco salários mínimos (R\$3000 à R\$5000 mil reais), não contribuindo. A entrevistada costuma buscar informações nas redes sociais, através de jornais online da sua região, e em grupos do *Facebook*.

É amiga da pesquisadora e se propôs a colaborar com a pesquisa. O contato e agendamento da entrevista foram feitos pessoalmente, para o dia em que ficava mais fácil para a entrevistada, assim como o método, que foi realizada através de chamada de vídeo do *Whatsapp*.

6.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DAS MEDIAÇÕES

A partir da mediação de socialidade procuramos entender como o contexto cultural e social em que vivem as entrevistadas se relaciona com as diferentes formas pelas quais elas interpretam as temáticas de gênero da série e como essa relação possibilita pensar sobre suas posições sociais. Martín-Barbero (2006) expõe a socialidade como a maneira em que as pessoas relacionam-se cotidianamente entre si, considerando o papel da família, escola, comunidades em que os indivíduos frequentam na análise das representações, como gênero e classe presentes no texto

mediático. Ronsini (2010, p.9) menciona que a socialidade “conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva”.

Deste modo, relações com a família, feminismo, educação e trabalho são o eixo estrutural da entrevista realizada com as telespectadoras, na perspectiva de articular suas experiências e sua posição social com a interpretação que fazem das temáticas abordadas na série.

As ritualidades, segundo Ronsini (2010, p.12), são “organizadas com base no uso dos meios técnicos comunicacionais contribuem igualmente para definir as identidades do receptor, definições (móveis e transitórias) de si mesmo e de pertencimento coletivo”. Nesse sentido, nos interessou observar os modos pelos quais as entrevistadas produzem seus trajetos de leitura e como as diferentes possibilidades de interação com a série refletem nesse processo. Desta maneira, identificamos a seguir trechos das falas que explicitam a maneira na qual as entrevistadas estabelecem suas relações sociais e no cotidiano, que as levaram a ter as percepções sobre os eixos temáticos e a série.

Todas as entrevistadas consideram-se feministas, por isso identificou-se a importância do movimento na vida de cada uma delas. Conforme artigo publicado na revista O Povo⁵ em fevereiro de 2018, o feminismo foi um assunto discutido com muita intensidade ao longo deste ano, principalmente pelas redes sociais, em consequência das eleições no nosso país. (HEKALLY,2018)

Dentre as entrevistadas, Clarissa, Isabelle, Melissa e Paula, foram as que tiveram maior proximidade com o movimento neste ano, através de grupos no *Facebook* contra a candidatura do presidente Jair Bolsonaro. Para elas o movimento “Mulheres contra Bolsonaro” uniu as mulheres que não tinham muito contato com o movimento feminista, mas que procuram lutar contra o machismo diariamente, o que foi demonstrado explicitamente na candidatura do presidente eleito. Podemos perceber que as entrevistadas se sentiram “abraçadas” por milhões

⁵ Notícia disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/revistas/social/2018/02/05/notrsocial,3681207/o-que-esperar-do-feminismo-em-2018.shtml>> acesso em novembro de 2018.

de mulheres que uniram-se em prol de uma mesma causa, o que as fizeram entender e querer estar mais ativas do movimento feminista neste e nos próximos anos.

No âmbito do conteúdo considerado feminista e consumido pelas entrevistadas, estão documentários, leituras, filmes e na grande maioria, foram citadas séries, como: *Greys Anatomy*, *Anne Whith An E*, *Friends*, *How to get way whith murder*, *Orange is the new black* e *The handmades tale*. Algumas destas séries, são conhecidas e se tornaram populares por trabalharem com a temática.

A forma que elas consomem conteúdo, é o que se têm em comum: por maratona. Todas assistiram *As Telefonistas* por maratona, o que exemplifica esta cultura que está se desenvolvendo em assinantes da Netflix. No geral, as entrevistadas não possuem costume de compartilhar conteúdo em suas redes sociais, preferem dialogar com amigos que já têm essa intimidade de falar sobre determinados conteúdos, como séries e feminismo. Já as que compartilham os conteúdos nas suas redes sociais (apenas Ana Lucia e Pérola), normalmente utilizam o *Twitter*, por considerarem uma rede de interação mais informal e que se sentem à vontade para expor suas opiniões, gostos, sugestões e ideias.

Por mais que a maioria das entrevistadas relataram que não possuem hábito de compartilhamento em suas redes sociais sobre *As Telefonistas*, foi possível perceber que se identificam com a história da série e sua temática, principalmente a forma como é exposta as lutas das mulheres para possuírem o direito de trabalhar.

A categoria de trabalho é considerada importante na construção deste estudo, no estabelecimento das percepções das entrevistadas sobre as suas relações profissionais, assim como os tratamentos e salários, comparado aos homens. Visto que, falamos anteriormente sobre sujeito público e privado, onde o homem sempre foi considerado público, podendo trabalhar e ser o único provedor da casa, e as mulheres reservadas ao privado, cuidando da casa e dos filhos (CABEDA, PREHN, STREY, 2004, p.24).

Sabemos que existe uma desigualdade salarial histórica entre homens e mulheres em âmbito nacional e mundial. No Brasil, segundo uma pesquisa realizada

pela empresa Catho⁶, a diferença salarial chega a quase 53% e as profissionais ainda são minoria em cargos de gestão.

Segundo as entrevistadas – que trabalham – existem diferenças no tratamento entre homens e mulheres, não só a partir dos colegas de trabalho, mas também dos públicos com as quais lidam. É o caso de Clarissa, que afirmou já ter ouvido de pacientes que preferiam ser atendidos por homens, duvidando da capacidade de competência do profissional, só por ser mulher.

Melissa também passou por uma situação incomoda no trabalho, em que por ser mulher e estagiária, os colegas de trabalho homens, acreditam que a entrevistada serve “apenas para servir cafezinho”. Já a Pérola, refletiu duas situações em ambientes diferentes no trabalho: no local em que é bolsista, em que tem chefes mulheres que ela considera “desconstruídas”, afirmou não sofrer preconceito. Entretanto, no estágio obrigatório (uma empresa de grande porte em que a maior parte dos funcionários são homens), existe uma exigência quanto à postura e vestimentas “adequadas” para as mulheres, justificada como forma de “prevenção” ao assédio vindo da parte dos homens.

Quando questionamos sobre o trabalho doméstico em suas famílias, as entrevistadas relatam que há divisão de tarefas entre as mulheres e filhos, mas geralmente apenas as mulheres ficam responsáveis por essa parte. Como exemplifica Isabelle, ao afirmar que a mãe sempre cuidou da casa e dos filhos e o pai trabalhando fora. Ao assumir a postura de “provedor”, o pai exige e cobra os trabalhos de casa, “chegando a falar que a gente tinha obrigação de limpar e cuidar da casa porque ele trabalha.” (Isabelle).

Apesar de concentrarem o trabalho doméstico entre as famílias das entrevistadas, as mulheres que trabalham dividem também as contas da casa e, em alguns casos, assumem a totalidade das despesas. Quando perguntamos sobre os motivos pelos quais na sociedade algumas mulheres são impedidas de trabalhar pelos

⁶ Pesquisa disponível no site do G1 < <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml> > acesso em: novembro de 2018.

maridos, tivemos como principais respostas o machismo, relações de poder do homem sobre a mulher, egoísmo, e problema cultural.

A desigualdade no trabalho entre homens e mulheres é visível pelas vivências das entrevistadas, sendo perceptível o lugar dessas experiências nas leituras que fazem sobre a série.

Na série as mulheres só ocupavam um cargo: de telefonistas. Quando a personagem Marga percebe que possui conhecimento em economia, se candidata a uma vaga de emprego no setor financeiro da empresa telefônica. Sua capacidade é duvidada por ela ser considerada “apenas” uma telefonista (e mulher). Mas, mesmo assim, não desiste de se candidatar, porque não é por ela ser mulher, que é menos competente e possui menos conhecimento que os funcionários homens.

Ana Lucia aponta a desigualdade de gêneros e o autoritarismo do homem como as principais temáticas da série, levando a entrevistada se lembrar do episódio citado, sobre a personagem Marga. Inclusive, Marga é a personagem que Ana Lucia se identifica, pois teve que aprender “na marra” como as coisas eram na cidade grande, aprender a se amar, respeitar, se descobrir, descobrir a vida, teve que sair da bolha para viver e ser feliz. Clarissa, segue nesta mesma linha de pensamento e também se identificou com a personagem Marga, pois acredita que seria reservada como ela, e não seria tão corajosa como as outras na época em que a série retratou.

Proveniente desse preconceito, está relacionado o machismo e uma consequência ainda pior: a violência. Nós mulheres, sabemos que o machismo, a violência e a desigualdade está presente em todos ambientes que frequentamos. Por isso, perguntamos as entrevistadas onde elas acham que estas questões estão mais presentes. Para elas, o ambiente virtual é um dos espaços mais explícitos de violência contra a mulher, onde muitas pessoas utilizam-se do discurso de ódio por estar atrás de uma tela – o que reflete diretamente a relação que elas fazem com as novas ambiências proporcionadas pela mídia nas formações culturais e sociais. Também citaram o trabalho, como local⁷ onde as mulheres mais sofrem com preconceito e

⁷ Disponível em < <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/carreira/quase-metade-das-mulheres-ja-sofreu-preconceito-no-trabalho,4a18e4ddfce27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html> > acesso em: novembro de 2018.

ainda nos relacionamentos: familiares, sociais e amorosos. Isabelle acredita que a desigualdade social influencia a mulheres não saberem que sofrem preconceito:

Acredito que ainda seja nas relações amorosas/familiares. Penso que o feminismo ele chega até a algumas camadas e o que e faz pensar que mulheres mais velhas e principalmente pobres não tenham esse conhecimento todo. (ISABELLE)

No Brasil, o machismo é o preconceito mais praticado, um estudo encomendado pela Carta Capital⁸ revela que sete em cada dez brasileiros já fizeram comentários intolerantes, mas só 17% acredita que é preconceituoso. A pesquisa aponta ainda que 45% já viu preconceito nos comentários feitos por pessoas do seu convívio, mas metade decidiu não reagir diante da situação.

Ainda segundo a pesquisa, as frases mais preconceituosas relacionadas a mulher apontadas como as mais faladas e também mais ouvidas segundo a BBC Brasil, são: “mulher tem que se dar ao respeito” (49%) e “ela não é mulher para casar” (22%). Comprovando o preconceito e esta realidade Roberta, relata situações que já viveu dentro de casa com seu pai:

“No momento de se vestir para uma festa, ou uma simples janta, ele incomoda por causa da roupa, ou está muito curta ou a calça é muito rasgada. [...] Eu soube esses dias pela minha mãe, que em uma briga que teve entre ela e meu pai, ele jogou na cara dela que só servia para abrir as pernas para ele.”

Como citamos em nosso problema de pesquisa, levando em consideração que o feminismo é um movimento necessário e presente na vida das mulheres há alguns anos, se vê a importância do estudo através de problemas que nós ainda enfrentamos em 2018: o machismo, a violência doméstica, o preconceito. Com isso questionamos as entrevistadas se foi observado algo em comum que é retratado na série em 1928 que ainda que vivemos hoje em dia. Foram elencados o “tradicional machismo”, tido como algo até naturalizado em nossa cultura. Nesse contexto, a violência doméstica foi um assunto bastante abordado entre as entrevistadas:

Essa questão da violência doméstica, que é muito comum nos dias de hoje em todos os lugares. (MELISSA)

⁸ Os resultados do levantamento, realizado em todas as regiões brasileiras entre 21 e 26 de setembro de 2017, matéria disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/no-brasil-o-machismo-e-o-preconceito-mais-praticado> > acesso em: novembro de 2018.

Então, problemas sociais como vi em outros bairros que morei, não [...] Na verdade, aqui também deve existir, claro que existe. É que na favela, a gente vê e sabe, aqui é camuflado. Mas, a violência doméstica, vi demais, vi dentro da minha casa, estupro, etc. Vi tudo muito perto de mim. (ANA LUCIA)

Ainda neste mesmo contexto, questionamos sobre o que mudou e o que permanece igual nos problemas que as mulheres viviam na série daqueles que vivemos hoje em dia, e como citado em todas perguntas relacionados a temática, algo que sempre ficou estabilizado após analisarmos as entrevistas e nossas próprias experiências, temos em evidência, o machismo e violências (domésticas e sexuais) como principais problemas que ainda enfrentamos.

Na série há várias cenas de violência doméstica, geralmente é apresentado por dois personagens: Mario e Angeles. Porém, teve um destes episódios que foi citado por todas entrevistadas, em que o personagem Mario bate em sua mulher por não querer que ela exerça uma profissão, bate tão forte e covardemente, que Angeles que estava grávida, perde a criança.

Cenas como estas não acontecem só na ficção, infelizmente, na nossa realidade é muito comum. Como foi divulgado em notícia no *Portal Terra*⁹ em 25 de dezembro de 2015 “Mulher grávida apanha do marido porque comida estava fria”; no jornal *Gazeta Online*¹⁰ em 08 de dezembro de 2017, “Mulher conta para o ex que está grávida, é espancada e perde bebê”; No *Jornal Folha*¹¹, em 26 de dezembro de 2017, “Mulher grávida apanha do marido por não aceitar amante dele em casa”. Estes foram apenas alguns exemplos de notícias vinculadas a palavras chaves “mulher apanha do marido” no buscador *Google*.

Apesar de ainda sofrermos – e muito – com preconceitos e violências, as entrevistadas de modo geral, enfatizaram nas mudanças principalmente nossas conquistas como mulheres e seres humanos: direito a voto, a novos cargos trabalhistas e de chefia – mesmo com muita dificuldade em igualdade salarial e tratamento –, ao divórcio. Não somos mais obrigadas a permanecer junto de quem

⁹ Notícia disponível em: <https://catve.com/noticia/9/136793/mulher-gravida-apanha-do-marido-porque-comida-estava-fria> acesso em: novembro de 2018

¹⁰ Notícia disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2017/12/mulher-conta-para-o-ex-que-esta-gravida-e-espancada-e-perde-bebe-1014110490.html> Acesso em: novembro de 2018

¹¹ Notícia disponível em: <http://folhavidreira.com/2017/12/26/mulher-gravida-apanha-do-marido-por-nao-aceitar-amante-dele-em-casa/> acesso em: novembro de 2018

não nos faz bem, e como apresenta a série, quem faz mal, trata mal e violenta. Os movimentos feministas que foram e são essenciais em nossas vidas, também foram exaltados:

Sim, as feministas serem taxadas de loucas, ou acharem que é mimimi (essa palavra me irrita muito), até hoje a gente tem que lutar muito pra ser aceita e respeitada, como elas, mesmo com tanta luta. (ANA LUCIA)

Dentro do meu contexto, acho que essa união das mulheres pela luta de direitos iguais. Já no geral, eu percebo que boa parte do comportamento machista não ficou tão pra trás quanto pensamos. (PÉROLA)

Podemos observar que todas opiniões expostas através das percepções das entrevistadas, possui relação com a mediação de socialidade, pois como citado anteriormente, esta mediação diz respeito as relações cotidianas dos indivíduos, como que através das interações sociais é construído sua identidade, conectando a tradição cultural com a cultura de massa.

E a ritualidade relaciona-se com a forma que o produto midiático é consumido, desempenhando diferentes usos sociais que os receptores fazem dos meios e dos seus diversos trajetos de leitura. Por isso, discorreremos aqui sobre os diferentes modos de consumo das entrevistadas, como também suas percepções e leituras sobre a série *As Telefonistas*.

Ana Lucia conheceu *As Telefonistas* através das notificações da Netflix, e considera-se uma “viciada” na série, já que assistiu as três temporadas de uma vez só, pelo notebook e celular, levando em torno de uma semana e meia. Ana relata ainda que costuma comentar sobre os episódios com o namorado, e compartilha comentários sobre o conteúdo da série no *Twitter*.

Já Clarissa, teve contato com a série através de indicações de amigas, e conta que “logo gostou de cara”. Apesar de ter assistido as três temporadas, acompanhou a série de “pouco em pouco”, pois tinha outros compromissos que eram prioridade. Clarissa relata que tem costume de assistir séries pelo notebook e celular, já que são mais práticos, porém não tem hábito de compartilhar suas impressões em suas redes sociais e nem comentar com pessoas próximas.

Em relação as temáticas da série, bem como os assuntos mais abordados a entrevistada considera como principais a luta por igualdade, a vontade das mulheres trabalharem e serem livres e a organização para se manifestarem sobre seus direitos. Clarissa relata ainda que gostou do local onde a história se passa, do seu contexto

histórico. Também agradou a forma como foram expostos os problemas que as mulheres naquele período passaram – a luta para trabalhar, ter os mesmos direitos, o erotismo. No seu entendimento, isso a fez refletir como as mulheres eram tratadas até chegarmos aqui, como alguém lutou por nós, para termos os direitos que possuímos hoje em dia.

A Isabelle descobriu a série olhando catálogo da Netflix, e a sinopse a chamou à atenção. Assistiu a primeira temporada em maratona, o que a deixou triste, já que demorou para chegar a segunda temporada. Em função disso ela diz que está olhando com “mais calma”, optando por assistir pelo seu *notebook*. Por ser mais reservada, não tem hábito de falar sobre a série em suas redes sociais na internet, mas comenta com as pessoas com quem interagem socialmente.

Em relação aos assuntos mais abordados da série, a Isabelle elenca a independência da mulher e o relacionamento abusivo. Isabelle tem só elogios sobre como *As Telefonistas* trazem a independência da mulher dentro do possível em 1928, e como mostra a realidade da época. Para ela, a comparação com a realidade do presente entristece, porque as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na época ainda se fazem presente em 2018. Se fosse uma personagem, acredita que seria a Carlota, por ela ser independente e que mais chama atenção.

Melissa nos relatou que conheceu *As Telefonistas* através de um e-mail recebido da Netflix divulgando suas novas séries. Assistiu a primeira temporada por maratona em seu computador em um dia, pois ficou curiosa com o final. Já a segunda, preferiu assistir com mais tempo pois havia outros compromissos que a impediam de “maratonar”. Demonstrando empolgação, a entrevistada informou que fala sobre a série com dois de seus amigos.

Sobre os assuntos mais abordados, Melissa aponta o feminismo, questões familiares, jogos de poder e mudança na telefonia. Além disso, chama a sua atenção a abordagem na série sobre o preconceito que impedia as mulheres de votar, a luta das mulheres para conseguir trabalhar fora de casa e violência doméstica. A entrevistada citou também o episódio em que a personagem Angeles é espancada pelo marido por ela apenas querer continuar trabalhando na empresa de telefonia, e acaba sofrendo um aborto.

Roberta conta que ficou sabendo da série porque viu nos *stories* da *youtuber* Kéfera falando bem e se interessou. Assistiu em maratona pelo telefone celular, pois não conseguia parar de olhar. Considera que *As Telefonistas* “prende muito” a sua

atenção, fazendo ela se “apaixonar” pela série - tanto que a indicou para todos seus amigos e familiares.

Acredita que os principais assuntos tratados na série são o feminismo, a desigualdade social e a violência, assim como a abordagem temática sobre as lutas pelo direito das mulheres continuarem trabalhando. A união e a força que as mulheres tiveram para conseguir ter direitos a trabalho foi também o que mais lhe agradou na série.

A entrevistada considera que o machismo retratado na época, predominava ao extremo. Acredita que ainda seja assim hoje em dia – mas só de presenciar as cenas, conta que “sentiu nojo”. A violência doméstica também foi destacada por Roberta, lembrou-se do episódio em que a personagem Angeles sofre violência doméstica do marido, e todas funcionárias vão juntas ao salão principal da empresa de telefonia protestar. Se a entrevistada fosse uma personagem, seria a Carlota, pois se identifica por ter pais conservadores, e quer lutar pelos seus direitos.

A Paula nos relatou que descobriu *As Telefonistas* pela Netflix, e maratonou toda a série por temporada pelo celular. Afirma ainda que o fator que mais lhe agradou foi o empoderamento e a sororidade entre as protagonistas. Acredita ainda que a representatividade das mulheres poderia ser mais ampla, já que a série se propõe a romper padrões patriarcais. Se a entrevistada fosse uma personagem, nos contou que seria Alba - porque a personagem sabe que os problemas existem, observa tudo acontecer ao seu redor, mas é empoderada e dificilmente as situações mais difíceis a atingem.

Pérola conheceu a série nas redes sociais - viu muitas pessoas comentando no *Twitter* e em um grupo de mulheres que participa no *Facebook*, leu a sinopse e se interessou pela temática. A entrevistada assistiu a primeira e a segunda temporada pelo computador, e relata que enquanto assistia, fazia comentários sobre os acontecimentos em seu perfil pessoal do *Twitter*, além de conversar com sua namorada e o primo dela, enquanto assistia.

Enfatiza ainda que gostou muito da forma como as personagens se posicionaram perante a sociedade, mesmo naquela época. Elogiou a estrutura da série, porém se sentiu incomodada com as cenas de agressões físicas. A entrevistada considera os principais assuntos abordados na série, são as questões da liberdade da mulher para poder trabalhar e agir sozinha e os preconceitos com seus comportamentos.

Abordando o eixo temático feminista, conta que identificou a busca pela igualdade de gênero. Pérola menciona que se fosse uma personagem das Telefonistas, seria a Carlota, porque é primeira que levanta a voz e tentar intervir nos absurdos que vê acontecendo. Exemplo disso, é a situação que a entrevistada se identificou na série, em que as mulheres da empresa de telefonia se uniram para ajudar a colega que estava sendo agredida pelo marido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar empiricamente a relação dos sujeitos com o contexto é sempre pertinente, principalmente, quando investigamos a forma das nossas percepções e vivências para construir nossa identidade. Neste sentido, os Estudos Culturais, através do modelo teórico-metodológico da recepção, vêm possibilitar a análise empírica da interação entre comunicação e cultura, considerando suas particularidades cotidianas e subjetivas dos sujeitos. Somente há poucas décadas os estudos de recepção efetivamente passaram a se desenvolver neste sentido - reconhecendo a importância do contato direto com o sujeito e suas experiências, através das mediações de socialidade e ritualidade.

Neste trabalho, buscou-se analisar os problemas enfrentados pelas mulheres no século XX (1928) e que ainda enfrentamos no século XXI (2018), através das relações de interação das receptoras da série *As Telefonistas*. A intenção foi verificar e apontar os principais preconceitos que nós ainda enfrentamos diariamente mesmo com o feminismo, leis, e direitos presentes na nossa vida. Dessa forma, observando através da mediação da socialidade, qual o papel desempenhado pela família e pelo trabalho na constituição dos papéis de gênero das receptoras e nas suas práticas de assistência de compartilhamento da série através da mediação de ritualidade.

Com a realização desta pesquisa identificamos como nós mulheres ainda sofremos com diversos preconceitos, principalmente no ambiente de trabalho e familiar, onde a mulher é muitas vezes posta como inferior aos homens.

Em meio a este âmbito, podemos reconhecer que as categorias analisadas nesta pesquisa como família, trabalho, violência e preconceitos continuam sendo decisivas para observar as desigualdades de gênero. Do mesmo modo, percebe-se que o enfrentamento a essas situações não é fácil. Em dois casos das entrevistas, apesar de sofrerem preconceito no ambiente de trabalho, Melissa e Clarissa infelizmente não se posicionaram diante dessas situações pois tinham/tem medo de perder seus empregos.

No ambiente familiar, as entrevistadas reconhecem situações de desigualdade e preconceito, vindas dos pais principalmente, que ainda têm o pensamento de “mulher tem que se comportar como mulher” ou que “mulher deve cuidar da casa por ser mulher”. Não foi apontada nenhuma relação em que as mulheres aceitam esse

pensamento machista de seus maridos e companheiros dentro de casa, mas acabam cansando de discutir e conseqüentemente ignorando quando surgem esses diálogos, pois não acreditam que os homens que repercutem essas falas irão mudar ou ajudar no trabalho doméstico. Não excluindo os homens que participam do convívio familiar de algumas entrevistadas que ajudam no trabalho doméstico igualmente.

Sobre essa desistência de falar o que lhes incomodam, observamos que pode-se relacionar diretamente com o fato das entrevistadas não compartilharem conteúdos que acham relevantes na internet, por achar que, suas opiniões não irão levar a lugar nenhum, por ser assim no ambiente que interagem socialmente.

Como nossa principal categoria de estudo, os problemas enfrentados pelas mulheres em 1928 e que ainda enfrentamos em 2018, tendo em vista as interpretações feitas pelas entrevistadas nos dá a impressão que mesmo lutando por nossos direitos, quebrando barreiras, o ser humano – principalmente os homens, que na maioria das vezes disseminam esses preconceitos – ainda tem muito a evoluir. Continuam com a sede pelo poder, pelo autoritarismo, por serem melhores que as mulheres, apenas por serem homens, sem nenhum motivo ou justificativa coerente.

Por outro lado, é possível perceber, em comparação ao contexto da série o quanto já mudamos dessa cultura patriarcal e como ainda podemos evoluir, através da união das mulheres lutando em prol de uma causa ou direito. Lutamos pelo nosso direito de trabalho, com muita dificuldade nosso direito ao voto, nos tornamos independentes com o passar dos anos, mas ainda sofremos muito com essa relação do homem e poder.

Hoje nós mulheres sabemos que não precisamos de homem para nada, conseguimos fazer tudo sozinhas e talvez isso seja uma hipótese do porque os homens exaltarem e demonstrarem que estão no poder. Pelo medo das mulheres serem melhores que eles. O que o gênero masculino não entende, é que as mulheres não buscam ser melhores que eles. Nós só queremos ser tratadas com igualdade e respeito como qualquer ser humano. Igualdade salarial; respeito quando passamos na rua e nenhum homem “mexer” conosco; não sermos julgadas pelas nossas vestimentas, entre outras tantas coisas que se encaixariam nesse contexto, onde nós temos que lutar para que nos respeitem, enquanto o homem já nasce respeitado de berço.

Ao contrário de alguns anos atrás, onde não tínhamos fácil acesso a informação, hoje com milhares de conteúdos disponíveis a respeito de diversos

assuntos, e neste caso em específico do feminismo, séries como *As Telefonistas* surgem para reiterar a importância da temática. Podemos observar que todas as entrevistadas assistiram a série por já estarem inseridas de alguma forma no contexto.

Neste cenário, é preciso reconhecer o importante papel das reivindicações feministas na ficção e na realidade, onde nós mulheres do século XXI temos direitos através de conquistas de movimentos na época em que a série retratou. Mas não podemos esquecer, que não é porque conquistamos direitos no passado, que não devemos deixar de lutar. A luta e as dificuldades para nós mulheres, nunca acabam, mas nós, jamais iremos desistir.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. (2016). **Vozes diferentes: a emergência e a construção da teoria feminista contemporânea**. 2ª Edição. Em M. Adelman, *A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea* (pp. 85-125). Florianópolis: Edgar Blucher Ltda.
- BORELLI, S. H., LOPES, M. I., & RESENDE, V. d. (2002). **Vivendo com a Telenovela - Mediações, Recepção, Feleticcionalidade**. Summus.
- COCA, A. P., & SANTOS, A. T. (5 de 09 de 2013). **Formatos de Ficção Seriada Televisual: Tradições e Perspectivas**. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, pp. 1-15.
- CRETAZ, L. (2 de Setembro de 2014). **Telenovela e o Consumo Cultural: a telenovela e seu papel na cultura brasileira**. *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, pp. 1-14.
- DEARO, G. (21 de 05 de 2018). *95% dos brasileiros acessam a internet enquanto assistem à televisão*. Fonte: Exame: <https://exame.abril.com.br/marketing/95-dos-brasileiros-acessam-a-internet-enquanto-assistem-a-televisao/>
- DUARTE, J. (2009). **Entrevista em Profundidade**. Em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação* (pp. 62-82). São Paulo: Atlas S.A.
- DUARTE, M. Y. (2009). **Estudo de caso**. Em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (pp. 215-234). São Paulo: Atlas S.A.
- E-CANAIS (Diretor). (2015). *Olhar Digital - Streaming promete mudar nosso hábito em frente à TV* [Filme Cinematográfico].
- HEKALLY, K. (5 de Fevereiro de 2018). **Feminismo tem tudo para ser destaque em 2018**. Fortaleza, Ceará, Brasil.
- JENKINS, H., & FORD, S. e. (2014). **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph.

- JESUS, J. T., & RESENDE, V. L. (1 de junho de 2013). **A Televisão e sua influência como meio**: uma breve historiografia. *Encontro Nacional de História da Mídia*, pp. 1-15.
- KULESZA, J., & BIBBO, U. (2013). **A televisão a seu tempo**: netflix inova com produção de conteúdo para o público assistir como e quando achar melhor, mesmo que seja tudo de uma vez. *Revista de Radiofusão*, 44-51.
- LOPES, M. I. (Ago./Dez. de 2009). **Telenovela como recurso comunicativo**. *Matrizes*, v.3, n.1, pp. 21-47.
- MARTÍN-BARBERO, J., & ALCIDES., T. R. (2006). **Dos meios as mediações**. *Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. (2014). **Diversidade em convergência**. Matrizes.
- MOREIRA, F. L. (3 de setembro de 2012). **Mudanças de perspectivas na ficção televisiva brasileira**. *35º Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, pp. 1-13.
- MOTTER, M. d. (2004). **As telenovelas brasileiras**: heróis e vilões. *ALAIC - revista latinoamericana da ciências da comunicação*, pp. 64-74.
- RONSONI, V. V. (Junho de 2010). **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- SACCOMORI. (Abril de 2015). **Qualquer coisa a qualquer hora em qualquer lugar**: as novas experiências de consumos de seriados via Netflix. *Temática*, pp. 53-68.
- SANTAELLA, L. (2003). **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus.
- SANTOS, M. G. (2016). **O feminismo na história**: suas ondas e desafios epistemológicos. Em M. d. Borges, & M. Tiburi, *Filosofia: machismo e feminismos* (pp. 129-159). Florianópolis, Santa Catarina: Editora UFSC.

- STREY, M. N., CABEDA, S. T., & PREHN, D. R. (2004). **GÊNERO E CULTURA:** Questões contemporâneas. Em *Coleção gênero e contemporaneidade I* (pp. 13-37). Porto Alegre.
- THAY. (15 de maio de 2017). *LAS CHICAS DEL CABLE: EM BUSCA DE LIBERDADE*.
Fonte: Valkirias: <http://valkirias.com.br/las-chicas-del-cable/>
- THAY. (19 de janeiro de 2018). *LAS CHICAS DEL CABLE: EM BUSCA DE SI MESMAS*. Fonte: Valkirias: <http://valkirias.com.br/las-chicas-del-cable-2/>
- Villella, F. (06 de Abril de 2016). *Agência Brasil*. Fonte: Portal EBC: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embarcada-ate-amanha-10h-0604>
- WOLK, A. (2016). **OVER THE TOP**. *Como a internet está mudando (aos poucos, mas definitivamente) a indústria da televisão*. Barueri: Nobel.
- Wottrich, L. H., Silva, R. C., & Ronsini, V. V. (04 de Setembro de 2009). **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela**. Curitiba, Paraná, Brasil.
- ZOE (Diretor). (2016). *Saiba mais sobre streaming* [Filme Cinematográfico].